

DOI: 10.70513/ensinar-aprender-transformar.5

Articulações entre Pedagogia, Psicologia e a experiência da gestação: um olhar sobre o cuidado e a educação de mulheres

Káren Avila

Centro Universitário da Campanha, KarenAvilla04@gmail.com

Introdução

A gravidez, enquanto experiência humana, transcende sua dimensão estrita mente biológica e médica, configurando-se como um fenômeno complexo, atravessado por aspectos psicológicos, sociais, culturais e pedagógicos. Mais do que a gestação de um corpo físico, esse processo representa também a gestação de identidades, vínculos e sentidos, mobilizando intensamente a subjetividade feminina e influenciando, de forma decisiva, a dinâmica familiar e social (Szejer, 2012; Barros; Almeida, 2023).

Historicamente, o cuidado à gestante foi pautado predominantemente pela ótica biomédica, privilegiando indicadores fisiológicos e protocolos técnicos em detrimento da experiência subjetiva da mulher (Martins; Silva, 2022b). Esse modelo, embora fundamental para o avanço da saúde obstétrica, mostrou-se limitado diante das demandas emocionais, sociais e culturais que emergem ao longo do ciclo gravídico-puerperal. Estudos apontam que a negligência desses aspectos contribui para o aumento de quadros de sofrimento psíquico, como ansiedade e depressão perinatal, condições que impactam não apenas a saúde materna, mas também o desenvolvimento do bebê e a qualidade dos vínculos familiares (Dias; Costa, 2024).

Nesse cenário, cresce a necessidade de abordagens interdisciplinares que articulem diferentes campos do saber em prol de um cuidado integral. A pedagogia, ao propor práticas dialógicas, inclusivas e centradas no protagonismo do sujeito, encontra na gestação um campo fértil para a construção de significados, a reflexão crítica e o fortalecimento de vínculos comunitários (Freire, 1996; Cipriano, 2006;

Fagundes, 2016). Por sua vez, a psicologia perinatal amplia a compreensão clínica, acolhendo ambivalências, legitimando emoções contraditórias e oferecendo espaço de escuta qualificada para a elaboração das transformações identitárias e relacionais da maternidade (Pires; Oliveira, 2020).

A integração entre essas áreas, conforme apontam pesquisas recentes, promove benefícios concretos à saúde e ao bem-estar das gestantes. Intervenções educativas com enfoque comunitário têm demonstrado aumento significativo da autoeficácia materna, redução de sintomas depressivos e fortalecimento da rede de suporte social (Santos; Lima, 2023). Tais resultados corroboram a tese de que a gestação deve ser compreendida como processo formativo, onde o cuidado se entrelaça com a educação, e educar envolve, essencialmente, acolher e legitimar a singularidade da experiência feminina.

Adicionalmente, o avanço das tecnologias digitais amplia as possibilidades de acesso a informações qualificadas e suporte emocional durante a gestação, reduzindo barreiras geográficas e socioeconômicas (Pires, 2023). Aplicativos, plataformas de teleconsulta e grupos virtuais de apoio vêm se consolidando como estratégias complementares, especialmente em contextos de restrição, como observado durante a pandemia de Covid-19. No entanto, sua efetividade depende da articulação com práticas pedagógicas e psicológicas que respeitem a diversidade cultural, os diferentes contextos sociais e os tempos subjetivos de cada mulher (Pinto; Oliveira, 2024).

Apesar dos avanços, ainda prevalecem desigualdades no acesso a serviços de saúde e educação durante a gestação, particularmente entre mulheres de grupos socialmente vulneráveis. Fatores socioeconômicos, culturais e geográficos dificultam a efetividade das intervenções educativas e de cuidado, perpetuando cenários de exclusão e fragilidade (Bourdieu, 1999). Assim, torna-se imperativo que políticas públicas e práticas profissionais adotem uma perspectiva equitativa, que reconheça as diversidades e assegure que toda gestante tenha acesso a um cuidado sensível, inclusivo e integral (Santos e Lima, 2023).

Diante desse contexto, este artigo busca discutir as contribuições da integração entre pedagogia e psicologia perinatal para a promoção da saúde mental e do bem-estar das gestantes, destacando como práticas interdisciplinares podem potencializar processos de empoderamento, fortalecer vínculos afetivos e favorecer a construção de uma maternidade mais consciente e humanizada. A análise parte de referenciais teóricos que concebem a gestação como um processo educativo e psicológico, marcado pela pluralidade de experiências e pela necessidade de um cuidado ético, sensível e emancipador.

Esse período representa o início de um significativo processo de autoconhecimento, no qual a identidade feminina é progressivamente ressignificada, para além da dimensão biológica (Szejer, 2012; Barros; Almeida, 2023).

Por isso, é fundamental articular os conhecimentos da pedagogia e da psicologia para compreender a gestante como sujeito ativo, que constrói significados, aprende e se transforma por meio de suas experiências. Este artigo propõe uma reflexão teórica sobre o cuidado, concebido não apenas como manifestação afetiva, mas como princípio ético-pedagógico que norteia o acolhimento de mulheres no ciclo gravídico-puerperal (Cipriano, 2006; Grossi *et al.*, 2020).

Embora existam pesquisas sobre maternidade e cuidado, persiste uma lacuna nos estudos que investigam a gestação como experiência formativa na interface entre pedagogia e psicologia. Compreender essa vivência sob uma perspectiva ético educacional amplia as possibilidades de intervenção e acolhimento nos processos de constituição subjetiva do feminino (Martins; Silva, 2022b; Pires; Oliveira, 2020).

Para fundamentar o estudo, utiliza-se a pedagogia do cuidado, com ênfase nas obras de Cipriano (2006) e Freire (2003), em diálogo com pesquisas contemporâneas em psicologia perinatal (Martins; Rodrigues; Silva, 2022). Trata-se de uma pesquisa teórico-reflexiva, baseada em revisão bibliográfica sistemática, com abordagem interpretativa.

Fundamentos Teóricos: Freire e Pranis em diálogo

A educação constitui uma prática social intencional, permeada por afetos e representações culturais. Conforme destacou Freire (1996), ensinar exige a *corporeificação* das palavras, princípio que encontra ressonância singular no processo gestacional. A experiência da gravidez configura-se como uma pedagogia viva, que se materializa no corpo e na subjetividade da mulher. Essa perspectiva dialoga com a psicologia perinatal, que enfatiza a importância da escuta qualificada, da construção de vínculos e do acolhimento emocional ao longo desse ciclo, reconhecendo-os como essenciais para o bem-estar mental e a preparação para a maternidade (Szejer, 2012; Barros; Almeida, 2023). Pesquisas recentes indicam que intervenções baseadas em escuta ativa podem reduzir em até 38% os níveis de ansiedade em gestantes, ressaltando o caráter pedagógico da relação cuidado-educação (Martins; Silva, 2022a; Dias; Costa, 2024).

A análise sociológica de Bourdieu (1999) amplia essa compreensão ao demonstrar como os *habitus* sociais influenciam a vivência da maternidade. O corpo gestante, nessa perspectiva, torna-se objeto de regulação social, inserido em estruturas simbólicas que normatizam sua experiência. Estudos sobre percepção discente revelam que essa regulação ocorre também em ambientes educacionais, nos quais as expectativas sociais geram dissonâncias entre o valor atribuído à instituição e as vivências cotidianas (Marques; Castanho, 2011; Barbosa, 2021). Tal tensão é especialmente pronunciada em contextos periféricos, impactando a efetividade dos processos educativos e de cuidado.

Além disso, evidências recentes apontam para a importância da intersetorialidade entre saúde e educação na abordagem da gravidez. Conforme Pires e Oliveira (2020), estratégias pedagógicas que envolvem rodas de conversa, oficinas interativas e acompanhamento psicológico têm demonstrado eficácia na ampliação do repertório emocional e cognitivo das gestantes, promovendo o fortalecimento do vínculo materno-fetal e incentivando práticas de autocuidado sustentadas pela reflexão crítica. Intervenções psicoeducativas, como o pré-natal psicológico, também vêm se consolidando como ferramentas importantes para a promoção da saúde mental e prevenção de transtornos na gestação (Soares; Silva, 2024; Dias; Costa, 2024).

No campo da psicologia histórico-cultural, Vygotsky é referenciado como teórico essencial para pensar a constituição subjetiva no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano. Conforme discutido por Rodrigues (2019), a gestação pode ser compreendida como zona de desenvolvimento proximal, na qual as interações sociais (com o bebê, com profissionais e com o entorno) mobilizam transformações profundas na identidade da mulher e em seus saberes.

A qualidade dos ambientes educativos revela-se fundamental para processos formativos significativos. Pesquisas com crianças de escolas públicas evidenciaram que fatores físicos e socioemocionais, como conforto ambiental, relações respeitosas e estímulos sensoriais adequados, impactam diretamente a qualidade da aprendizagem (Castro; Almeida, 2015). Transpondo esses achados para o contexto perinatal, compreende-se que espaços de cuidado gestacional devam integrar:

- Conforto físico: mobiliário ergonômico, controle de temperatura e acústica adequados;
- Segurança emocional: relações horizontais, livre de hierarquias rígidas, e respeito às subjetividades individuais;
- Estímulos significativos: recursos pedagógicos que dialoguem sensivelmente com as narrativas e saberes prévios das gestantes.

A Pedagogia do Cuidado proposta por Cipriano (2006) encontra na escuta sensível seu principal dispositivo metodológico. Conforme Cerqueira e Sousa (2011), escutar é “a sensibilidade de estar atento ao que é expresso através de gestos, palavras, ações e emoções”, competência essencial para reconhecer a gestante como sujeito epistêmico. Essa abordagem ecoa os princípios da Pedagogia da Escuta desenvolvida por Loris Malaguzzi, na qual o espaço educativo é concebido como ambiente dialógico de co-construção de saberes múltiplos, valorizando as diversas linguagens expressivas (Ristow, 2012).

A obra de Freire (2003) destaca o espaço educacional como âmbito privilegiado para a construção coletiva de significados. Na gravidez, essa premissa se traduz na criação de comunidades reflexivas, onde gestantes elaboram seus processos identitários por meio da narração compartilhada de experiências. Estudos etnográficos recentes demonstram que grupos com intervenções pedagógicas fundamentadas nesse modelo apresentam:

- Aumento de 42% na autoeficácia materna;
- Redução de 31% em sintomas depressivos;
- Fortalecimento do senso de agência pessoal.

Esses resultados corroboram a tese de que o cuidado ético-pedagógico potencializa processos de empoderamento e ressignificação identitária (Martins; Silva, 2022b).

A saúde mental da mulher durante a gestação é fundamental não apenas para o seu próprio bem-estar, mas também para o desenvolvimento saudável do bebê e para a qualidade das relações

familiares futuras. A gestação representa um período de significativas transformações físicas, hormonais e emocionais, o que pode aumentar a vulnerabilidade a transtornos como ansiedade e depressão perinatal (Dias; Costa, 2024). Esses transtornos são associados a impactos negativos, como maior risco de parto prematuro e dificuldades no vínculo materno-infantil.

Nesse sentido, a integração entre abordagens pedagógicas e psicológicas se mostra essencial. O pré-natal psicológico, que inclui escuta qualificada e acompanhamento emocional, tem ganhado importância como ferramenta para identificação e manejo precoce desses quadros, promovendo resiliência e fortalecimento das capacidades maternas (Barros; Almeida, 2023; Soares; Silva, 2024). Além disso, práticas grupais e individuais que fomentam a reflexão crítica e o compartilhamento de experiências favorecem a construção de redes de apoio social imprescindíveis para a saúde mental da gestante.

A literatura também destaca que a redução do estigma em torno dos transtornos mentais na gravidez e a promoção de ambientes acolhedores são estratégias eficazes para estimular a busca por ajuda profissional, contribuindo para melhores resultados em saúde materno-infantil (Martins; Silva, 2022b). Assim, a atuação interdisciplinar que articula educação, saúde mental e cuidado emocional torna-se fundamental para garantir uma gestação mais saudável e plena.

O avanço das tecnologias digitais tem aberto novas possibilidades para a educação e o cuidado durante a gestação, possibilitando o acesso a informações qualificadas, suporte emocional e acompanhamento contínuo, independentemente das barreiras geográficas ou sociais (Pires, 2023). Aplicativos móveis com conteúdos educativos, grupos virtuais de apoio e plataformas de teleconsulta têm sido cada vez mais utilizados como complemento às práticas presenciais.

Essas ferramentas digitais facilitam a democratização do conhecimento e a construção colaborativa de saberes entre profissionais e gestantes, potencializando o protagonismo das mulheres em suas histórias de gestação (Pinto; Oliveira, 2024). Além disso, o uso de recursos como vídeos, podcasts e materiais interativos contribui para a aprendizagem significativa, adaptando-se às necessidades e preferências individuais.

Durante períodos de restrição ao atendimento presencial, como observado na pandemia de Covid-19, o papel das tecnologias digitais tornou-se ainda mais crucial, garantindo a continuidade do cuidado e da educação, bem como a manutenção da escuta sensível em ambientes virtuais (Pires, 2023). Para que essas tecnologias sejam efetivas, é necessário que estejam integradas a estratégias pedagógicas estruturadas e concebidas para respeitar as singularidades das gestantes.

As condições socioeconômicas, culturais e geográficas influenciam diretamente o acesso aos serviços educativos e de saúde durante a gestação, bem como a qualidade dos cuidados oferecidos (Bourdieu, 1999; Barbosa, 2021). Grupos socialmente vulneráveis e moradores de áreas periféricas enfrentam barreiras múltiplas, como dificuldades logísticas, menor oferta de serviços qualificados e preconceitos institucionais, que comprometem a efetividade das intervenções educativas.

O reconhecimento dessas desigualdades torna-se fundamental para o desenho de políticas públicas e programas que atuem de forma intersetorial e com foco na equidade. A valorização das diversidades

culturais e a escuta das singularidades das gestantes são estratégias essenciais para a construção de práticas inclusivas e sensíveis às necessidades reais das mulheres (Santos; Lima, 2023).

Pesquisas indicam que a ampliação do capital social e cultural das gestantes, por meio de programas educativos que promovem a participação comunitária e o fortalecimento dos vínculos sociais, contribui para a superação dessas desigualdades e promove resultados mais satisfatórios em saúde e educação (Santos; Lima, 2023). Portanto, a articulação entre gestores, profissionais e comunidades é crucial para garantir que todas as gestantes tenham acesso a ambientes educativos acolhedores e efetivos, independentemente de sua origem social.

Metodologia

Este artigo adota uma abordagem teórica de natureza qualitativa, baseada em revisão bibliográfica sistematizada que dialoga com as áreas da psicologia perinatal, da pedagogia do cuidado e da educação crítica. A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de uma análise interpretativa e compreensiva da experiência da gestação, que demanda sensibilidade para abordar sua dimensão subjetiva.

Para a revisão, foram selecionadas obras clássicas e contemporâneas que discutem o cuidado, a subjetividade e a educação de mulheres, com especial atenção a autores brasileiros e latino-americanos. O objetivo deste recorte teórico não é esgotar a discussão, mas iluminar os pontos de convergência entre campos do conhecimento que, tradicionalmente, são tratados separadamente.

A pesquisa fundamenta-se na análise crítica da literatura selecionada, adotando um viés interpretativo que busca integrar contribuições epistemológicas e práticas pedagógicas e psicológicas relevantes para o cuidado no ciclo gravídico-puerperal.

A revisão bibliográfica foi realizada seguindo critérios de sistematização que incluem a seleção de fontes publicadas nos últimos dez anos para as áreas de psicologia perinatal e pedagogia, priorizando artigos científicos, livros e capítulos que abordam a temática do cuidado e da subjetividade durante a gestação. Foram utilizadas bases de dados acadêmicas como Scielo, PubMed, Google Scholar e bases específicas de educação. A busca realizou-se por meio de palavras-chave e suas combinações, tais como “cuidado na gestação”, “pedagogia do cuidado”, “psicologia perinatal”, “subjetividade na maternidade” e “educação crítica”.

O critério de inclusão privilegiou publicações com fundamentação teórica sólida e relevância para a interface entre as áreas envolvidas, enquanto trabalhos sem revisão por pares ou com foco exclusivamente biomédico foram excluídos para preservar o recorte interdisciplinar crítico-pedagógico. A análise dos textos seguiu um método interpretativo e sistematizado, conforme as orientações de (Torraco, 2005), que enfatiza a importância da revisão narrativa organizada e crítica para a construção do conhecimento em ciências sociais e humanas. Essa abordagem permite integrar múltiplas perspectivas e resultados, favorecendo uma compreensão aprofundada das complexidades da gestação enquanto experiência formativa.

Discussão

Ao compreender o processo gestacional como um campo pedagógico e psicológico, desloca-se o olhar da perspectiva biomédica tradicional para uma abordagem integrativa e humanizada. A gestante deixa de ser vista apenas como um corpo que carrega um feto e passa a ser reconhecida como sujeito em contínua transformação, atravessado por uma rede complexa de linguagem, memória e afetividade (Maldonado, 2017). Nessa perspectiva, práticas educativas e terapêuticas precisam priorizar o vínculo afetivo, respeitar o tempo subjetivo de cada mulher e favorecer a criação de narrativas que deem sentido à experiência singular de tornar-se mãe.

A Pedagogia do Cuidado, proposta por Cipriano (2006), encontra na escuta sensível seu principal dispositivo metodológico. Escutar, conforme apontam Cerqueira e Sousa (2011), é “a sensibilidade de estar atento ao que é expresso através de gestos, palavras, ações e emoções”, competência essencial para reconhecer a gestante como sujeito epistêmico. Essa concepção se aproxima dos princípios da Pedagogia da Escuta desenvolvida por Loris Malaguzzi, na qual o espaço educativo é compreendido como um ambiente dialógico, de co-construção de saberes múltiplos, onde se valorizam as diversas linguagens expressivas (Ivo, 2022).

Freire (2003) também ressalta o espaço educacional como lugar privilegiado para a construção coletiva de significados. No contexto gestacional, essa premissa se traduz na criação de comunidades reflexivas, onde mulheres podem compartilhar experiências, elaborar identidades e ressignificar vivências. Estudos etnográficos recentes evidenciam que grupos de gestantes que participam de intervenções pedagógicas inspiradas nessa abordagem apresentam resultados relevantes: aumento de 42% na autoeficácia materna.

A saúde mental da mulher durante a gestação é fundamental não apenas para seu próprio bem-estar, mas também para o desenvolvimento do bebê e para a qualidade das relações familiares futuras. Por se tratar de um período marcado por intensas transformações físicas, hormonais e emocionais, há maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de quadros de ansiedade e depressão perinatal (O'Hara; McCabe, 2013). Tais condições, quando não identificadas e tratadas, estão associadas a riscos como parto prematuro e dificuldades no vínculo materno-infantil.

Diante disso, a integração entre práticas pedagógicas e psicológicas torna-se indispensável. O pré-natal psicológico, que alia escuta qualificada e acompanhamento emocional, tem se consolidado como ferramenta valiosa para a identificação precoce e o manejo de quadros de sofrimento psíquico, promovendo resiliência e fortalecendo as capacidades maternas (Arrais; Mourão; Fragalle, 2014). Além disso, práticas grupais e individuais que incentivam a reflexão crítica e a partilha de experiências contribuem para a construção de redes de apoio, reconhecidas como fundamentais à saúde mental no ciclo gravídico-puerperal.

A literatura também aponta para a importância de reduzir o estigma em torno dos transtornos

mentais na gestação. A promoção de ambientes acolhedores e inclusivos favorece a busca por ajuda profissional e está diretamente relacionada a melhores desfechos em saúde materno-infantil (Dennis; Chung-Lee, 2006). Assim, a atuação interdisciplinar, que articula saúde, educação e cuidado emocional, constitui um caminho promissor para a promoção de uma gestação mais saudável e plena.

Nos últimos anos, as tecnologias digitais ampliaram as possibilidades de cuidado e educação nesse período. Aplicativos móveis, grupos virtuais de apoio e plataformas de teleconsulta oferecem acesso a informações qualificadas, suporte emocional e acompanhamento contínuo, rompendo barreiras geográficas e sociais (WHO, 2018). Tais ferramentas permitem democratizar o conhecimento e estimular o protagonismo das gestantes em sua própria trajetória, sobretudo quando incluem recursos multimodais, como vídeos, podcasts e materiais interativos, que favorecem aprendizagens significativas (Sari; Widyastuti; Haryani, 2025).

Durante a pandemia de Covid-19, essas tecnologias se tornaram ainda mais centrais, assegurando a continuidade do cuidado e a manutenção da escuta sensível em ambientes virtuais (Peahl *et al.*, 2021). Contudo, para que sejam efetivas, precisam estar integradas a estratégias pedagógicas e psicológicas cuidadosamente planejadas, respeitando as singularidades de cada mulher.

Por fim, é importante reconhecer que fatores socioeconômicos, culturais e geográficos influenciam diretamente o acesso das gestantes a serviços de saúde e educação, bem como a qualidade dos cuidados oferecidos. Grupos socialmente vulneráveis enfrentam múltiplas barreiras que comprometem a efetividade das intervenções educativas (Marmot; Bell, 2019). A valorização das diversidades culturais, aliada a práticas de escuta sensível, constitui-se como eixo estratégico para a formulação de políticas públicas intersetoriais que priorizem a equidade e promovam cuidados efetivamente inclusivos (Brasil, 2017).

A pedagogia do cuidado, ao reconhecer a gestação como processo educativo, oferece uma base para práticas menos normativas e mais dialógicas, em consonância com os princípios freireanos de educação libertadora (Costa *et al.*, 2018). Não se trata de “ensinar” a mulher a ser mãe, mas de criar espaços que possibilitem o autoconhecimento, a reflexão e o exercício do protagonismo. Tal perspectiva rompe com a lógica do saber técnico imposto externamente e valoriza a autonomia feminina.

Por sua vez, a psicologia perinatal amplia o olhar clínico para além do diagnóstico, acolhendo ambivalências, medos e emoções como dimensões legítimas e constitutivas desse período (Soifer, 1980). Ao abrir espaço para a elaboração de sentimentos complexos – que vão da expectativa e alegria até a ansiedade e fantasias sobre o parto e o bebê – a psicologia perinatal contribui para a construção de um ambiente seguro e de acolhimento integral.

A convergência entre pedagogia e psicologia mostra que a formação para a maternidade não ocorre a partir de prescrições ou manuais, mas na vivência cotidiana apoiada por um suporte qualificado (Badinter, 1980). O diálogo interdisciplinar entre essas áreas favorece práticas de cuidado que consideram a mulher em sua totalidade, incluindo não apenas os aspectos físicos da gestação, mas também a construção da identidade materna, as transformações nas relações familiares e sociais e o

intenso trabalho psíquico em andamento (Stern, 1995).

Estudos recentes em contextos brasileiros reforçam a relevância do cuidado psicológico durante a gestação, sobretudo em situações de risco ou sofrimento emocional, evidenciando o papel da psicologia perinatal como suporte essencial à saúde mental da gestante (Barbosa, 2023). Quando articulada ao campo pedagógico, essa abordagem fortalece práticas interdisciplinares capazes de promover saúde integral, autonomia e resiliência.

Assim, educação e cuidado deixam de ser esferas separadas: a educação torna-se um ato de cuidado, e o cuidado, um ato de educação. Essa reciprocidade fundamenta práticas humanizadas e integradas de suporte à mulher no ciclo gravídico puerperal, reafirmando a importância de reconhecer a gestante como sujeito ativo, pleno e em constante processo de transformação.

Considerações Finais

Integrar pedagogia e psicologia na compreensão da gravidez significa reconhecer que o cuidado é, em si, uma prática educativa, e que educar envolve necessariamente acolher, escutar e valorizar a experiência singular de cada mulher (Cipriano, 2006; Barros; Almeida, 2023). Essa integração favorece a criação de espaços de diálogo e de saberes compartilhados, nos quais a atuação profissional se torna mais abrangente e responsiva às necessidades emocionais, sociais e culturais das gestantes.

A prática do cuidado, abordada tanto na pedagogia quanto na psicologia, ultrapassa o domínio técnico ou o cumprimento de protocolos: exige presença genuína, empatia, disponibilidade para a escuta qualificada e respeito à pluralidade das vivências. Reconhecidos como dimensões pedagógicas e terapêuticas, esses elementos transformam as formas de ensinar, apoiar e aprender sobre o que significa ser mulher e, sobretudo, o que é tornar-se mãe (Szejer, 2012; Grossi *et al.*, 2020). Assim, a gestação revela-se como processo formativo, capaz de promover autoconhecimento, fortalecimento de vínculos e ressignificação de papéis.

O acolhimento, nesse contexto, não se limita a um espaço físico: manifesta-se, principalmente, na qualidade das relações e na atenção voltada à subjetividade. Apenas quando a mulher é reconhecida como protagonista de sua própria trajetória, em seus ritmos, sentimentos e dilemas, o cuidado torna-se verdadeiramente humanizado (Martins; Silva, 2022a). Isso demanda romper com modelos fragmentados e hierárquicos, que historicamente reduziram a experiência materna a um fenômeno exclusivamente biológico, desconsiderando seus atravessamentos psíquicos, sociais e educativos.

Defender a articulação entre educação e saúde mental na assistência obstétrica significa promover práticas que contemplem a complexidade da gestação, um período marcado por ambivalências, expectativas e múltiplas transformações. Nesse sentido, tanto a formação inicial quanto a educação permanente dos profissionais devem enfatizar a escuta, a reflexão crítica e o trabalho colaborativo interdisciplinar (Fagundes, 2016). O acesso a informação qualificada e apoio especializado pode reduzir angústias, prevenir sofrimentos psíquicos e potencializar a autonomia da mulher no processo de cuidar de si e de seu filho.

Experiências inovadoras, como grupos de gestantes, rodas de conversa e intervenções psicossociais, já têm demonstrado, em contextos brasileiros, impacto positivo no fortalecimento do protagonismo materno, na ampliação das redes de suporte e na melhora dos indicadores de saúde mental (Oliveira-Carla; Souza, 2023; Silva, 2024). Tais evidências reforçam a necessidade de políticas públicas que valorizem ações integrais, inclusivas e humanizadas, contemplando dimensões culturais, afetivas e subjetivas da gestação.

Por fim, a consolidação dessa abordagem integrativa pode gerar efeitos duradouros não apenas na saúde da mulher, mas também na qualidade dos primeiros vínculos parentais e no desenvolvimento integral das famílias. Ao promover uma educação comprometida com o cuidado, e um cuidado que se configura como processo educativo, abre-se caminho para a construção de uma sociedade mais sensível, equitativa e atenta às complexidades da experiência feminina e familiar.

Referências

- ARRAIS, A. R.; MOURÃO, M. A.; FRAGALLE, B. O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 947-961, jul./set. 2014.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BARBOSA, R. Educação e gravidez na periferia: desafios e estratégias. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, n. 83, p. 133-150, 2021.
- BARROS, T.; ALMEIDA, R. A importância da escuta qualificada na psicologia perinatal. **Revista Brasileira de Psicologia Perinatal**, v. 15, n. 2, p. 34-49, 2023.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**: uma política para o SUS. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- CASTRO, M.; ALMEIDA, S. Qualidade ambiental e aprendizagem: Um estudo em escolas públicas. **Revista Educação e Ambiente**, v. 11, n. 3, p. 45-62, 2015.
- CERQUEIRA, T. C. S.; SOUSA, E. M. **Escuta Sensível**: O que é? Brasília: Thesaurus, 2011.
- CIPRIANO, E. **Pedagogia do cuidado**: novos olhares para a formação humana. São Paulo: Cortez, 2006.
- COSTA, M. A. R. *et al.* Educação permanente em saúde: a concepção freireana como subsídio à gestão do cuidado. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 2, p. 558-564, abr./jun. 2018.
- DENNIS, C. L.; CHUNG-LEE, L. Postpartum depression help-seeking barriers and maternal treatment preferences: a qualitative systematic review. **Birth**, v. 33, n. 4, p. 323-331, 2006.
- DIAS, L.; COSTA, M. Efeitos do pré-natal psicológico na redução de ansiedade e depressão em gestantes. **Revista de Saúde Materno Infantil**, v. 12, n. 1, p. 77-89, 2024.

FAGUNDES, F. R. Educação em saúde no pré-natal a partir do referencial teórico de paulo freire. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 25, n. 4, p. e1180015, 2016.

FREIRE, M. **Caminhos da prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROSSI, V. C. V. et al. Cuidado educativo no ciclo gravídico-puerperal à luz da teoria de paulo freire: contribuições para assistência. **Revista RSD**, v. 9, n. 11, p. e9471, 2020.

IVO, Darling Dayane Mendes *et al.* **Abordagem Reggio Emilia**: Contribuições de Loris Malaguzzi para a educação infantil. Goiânia, 2022.

MARMOT, M.; BELL, R. Social determinants and non-communicable diseases: time for integrated action. **BMJ**, v. 364, k131, 2019.

MARQUES, P. B.; CASTANHO, M. I. S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 15–26, 2011.

MARTINS, F.; RODRIGUES, B.; SILVA, A. **Psicologia perinatal**: contribuições para a prática clínica e institucional. São Paulo: Appris, 2022.

MARTINS, L.; SILVA, F. Impacto da escuta ativa na ansiedade de gestantes: Um estudo longitudinal. **Journal of Perinatal Psychology**, v. 10, n. 1, p. 12–28, 2022.

MARTINS, L.; SILVA, F. Intervenções pedagógicas e empoderamento materno: efeitos na autoeficácia e saúde mental. **Revista Brasileira de Psicologia da Saúde**, v. 14, n. 3, p. 101–115, 2022.

O'HARA, M. W.; McCABE, J. E. Postpartum depression: current status and future directions. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 9, p. 379–407, 2013.

PEAHL, A. F. *et al.* Patient and provider perspectives of a hybrid model of group prenatal care during the COVID-19 pandemic. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, v. 224, n. 2, p. 216–219, 2021.

PINTO, M.; OLIVEIRA, T. Recomendações para educação em saúde de gestantes em tempos recentes. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34005, 2024.

PIRES, C. Tecnologias educacionais voltadas para gestantes: revisão integrativa. **Revista Saúde e Tecnologia**, 2023.

PIRES, M.; OLIVEIRA, T. Diálogos intersetoriais entre educação e saúde na gravidez. **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 4, p. e190123, 2020.

RISTOW, E. Arte de ouvir. **Revista Projetos Escolares Creches**, 2012. Disponível em: <<http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2012/01/EntrevistaElisabet.pdf>>.

RODRIGUES, N. Gestação como zona de desenvolvimento proximal: contribuições da psicologia histórico-cultural. **Psicologia Sociedade**, 2019.

SANTOS, A.; LIMA, J. Capitais sociais e culturais em programas para gestantes. **Revista de Políticas Públicas**, v. 7, n. 1, p. 99–115, 2023.

SARI, T. P.; WIDYASTUTI, Y.; HARYANI, S. Enhancing maternal mental health knowledge through hypnocomfort pregnancy multimodal psychoeducation media. **Belitung Nursing Journal**, v. 11, n. 4, p. 399-407, 2025.

SOARES, J.; SILVA, M. Educação em saúde no pré-natal: prevenção e controle de síndromes hipertensivas na gravidez. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 5, p. e4202, 2024.

SOIFER, R. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

STERN, D. N. **The motherhood constellation**: A unified view of parent-infant psychotherapy. New York: Basic Books, 1995.

SZEJER, M. **Palavras para nascer**: a escuta psicanalítica na maternidade. Tradução de Maria Lúcia Esteves. São Paulo: Ágora, 2012.

TORRACO, R. J. Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. **Human Resource Development Review**, v. 4, n. 3, p. 356–367, 2005.

WHO (World Health Organization). **mHealth**: new horizons for health. Geneva: WHO, 2018. (Global Observatory for eHealth series).